

CONDIÇÃO JUVENIL E VIOLÊNCIA ESCOLAR EM DIAMANTINA: COMPARANDO O PERFIL COM JOVENS DE GRANDES CIDADES

YOUTH AND SCHOOL VIOLENCE IN DIAMANTINA: A COMPARISON WITH BIG CITIES YOUNG PEOPLE

José Arnaldo Fernandes Filho*

Resumo

Este trabalho apresenta parte dos dados de uma pesquisa desenvolvida na cidade de Diamantina. Esses dados foram coletados a partir de um questionário de perfil aplicado a jovens entre 14 e 18 anos de uma escola pública. O objetivo foi comparar o perfil dos jovens com pesquisas realizadas em grandes centros urbanos. A escola e os jovens foram escolhidos a partir de ocorrências policiais que registravam situações de violência nas escolas e também tomando como base o clima escolar identificado a partir de observações nas escolas da região. Os resultados mostram que o perfil desses jovens apresenta várias características, como defasagem idade-série, fatores socioeconômicos desfavoráveis e pouca inserção cultural. Foram identificados também os valores e as normas dos jovens em relação à violência e sua percepção sobre a violência escolar. Foi possível perceber, também, que, apesar de suas especificidades, Diamantina se assemelha, em alguns pontos, à realidade de grandes centros urbanos.

Palavras-chave: *Violência Escolar, Percepção dos Jovens, Perfil Socioeconômico e Cultural.*

Abstract

This work presents the partial results of a research developed in Diamantina. These data were collected from a profile questionnaire applied to adolescents aged from 14 to 18 years old from a public school. The objective was to compare the profile of adolescents with researches made in large urban centers. The choice of the school and the adolescents was based on police reports registering violence in schools and

also based on the school atmosphere identified during the observation of the schools in the area. The results show that the adolescents present several characteristics such as difference between age and school level, unfavourable socioeconomic factors, and low cultural involvement. The study also identified the adolescents' values and rules related to violence and their perception of school violence. It was also possible to realise that, in spite of the peculiarities, Diamantina is similar, in some aspects, to the reality of the big city.

Key words: School Violence, Youth Perception, Socioeconomic and Cultural Profile.

I Introdução

O presente trabalho apresenta parte dos dados que foram coletados em uma pesquisa mais ampla desenvolvida na cidade de Diamantina, em Minas Gerais. Nessa pesquisa, tratamos da percepção dos jovens sobre a violência escolar e, para tanto, utilizamos vários instrumentos para a coleta de dados. Entretanto, aqui somente serão apresentados alguns dados de um questionário de perfil que foi aplicado aos alunos para identificar aspectos socioeconômicos (familiares, participação em grupos etc.), culturais (programas televisivos mais assistidos, tempo de exposição à TV, acesso a livros/revistas etc.) e valores e normas em relação à violência. Os jovens vêm se tornando, na sociedade atual, um modelo sociocultural, o que muitas vezes os deixa sem referências. Além disso, eles têm se apresentado em situações de violência tanto enquanto vítimas como agressores. Mas qual seria o perfil dos jovens que praticam a violência? Mesmo diante da tentativa de homogeneização dos meios de comunicação de massa, esse perfil pode variar? Quais seriam os pontos de intercessão? Apresentaremos, assim, a análise de alguns aspectos que permitiram comparar os dados encontrados com outras pesquisas como a publicada pela Fundação Perseu Abramo, *Retratos da juventude brasileira*, que buscou identificar o perfil dos jovens no Brasil (Abramo e Branco, 2005).

2 Discutindo a Violência Escolar e as “Juventudes”

Respeitando as diferenças dos contextos histórico-culturais sobre os quais a literatura em relação ao assunto tem se debruçado, a presente investigação insere-se num contexto amplo de discussões sobre a questão da violência e mais especificamente violência escolar. Segundo Abramovay (2002), a

violência que chega às escolas é constituída tanto de fatores endógenos, relacionados ao julgamento professoral, violências simbólicas, estigmatizações, crise da escola enquanto agência socializadora etc., quanto de fatores exógenos, como o tráfico de drogas, as desigualdades sociais, a influência da mídia, entre outros.

Sendo a violência um fenômeno complexo, é necessário promover estudos que analisem diferentes aspectos sobre os quais ela se manifesta, visando, inclusive, conforme ressaltam alguns autores (Martucelli, 1999; Abramovay, 2002), a uma clareza maior quanto às manifestações e mesmo sua conceituação. Isso porque, baseando-se principalmente na literatura francesa sobre o assunto, discute-se que alguns atos que ocorrem nos estabelecimentos escolares podem ser vistos muito mais como “incivilidades” (Debarbieux, 2002; Peralva, 1997). Em relação a essa dificuldade conceitual, Porto (2002) afirma que ela se deve ao fato de ser a violência um fenômeno empírico antes que um conceito teórico.

Spósito (2002) afirma também que as explicações para o fenômeno da violência escolar são múltiplas e complexas e não podem ser atribuídas nem somente a fatores econômicos, que relacionam de forma direta pobreza e violência, nem somente a fatores históricos e econômicos.

Da mesma forma, merece ser destacado que, em relação à juventude, também existem dificuldades de definição conceitual devido às mudanças nos contextos em que se apresentam. Assim, não é possível falar de juventude no singular, mas, sim, de “juventudes” no plural (Araújo, 2001; Abramo, 2005), senão corremos o risco de desconsiderarmos as diferenças e as desigualdades que atravessam essa condição.

Segundo Abramo (2005), há uma tensão quanto à formulação precisa do termo, mas a noção de condição juvenil nos remete, em primeiro lugar, a uma etapa do ciclo de vida, de ligação entre a infância e a vida adulta, sendo um período de “moratória”¹ que permite a preparação para exercer as dimensões de produção, reprodução e participação na sociedade. A autora chama a atenção de que é sempre importante lembrar que os conteúdos, a duração e a significação social dos atributos das fases de vida são culturais e históricas e que a “juventude nem sempre apareceu como etapa singularmente demarcada” (Abramo, 2005, p. 41), mas mostra, também, que a experiência juvenil passa a adquirir sentido em si mesma e não mais como somente uma preparação para a vida adulta. Nesse sentido, Spósito (2005) chama a atenção para o fato de que há hoje uma extensão da condição juvenil devido às dificuldades de inserção no mercado de trabalho e à ampliação do processo de escolarização, entre outros fatores, fazendo com que a entrada no mundo adulto se faça cada vez mais tarde sem uma cronologização precisa². Ao contrário disso, essa passagem vem

sendo feita segundo etapas variadas, desreguladas e sem uma linearidade padrão. Abramo (2005) mostra também que assistimos a uma transformação na noção social de juventude, mas que é importante considerar a diferença entre “condição juvenil” e “situações juvenis” devido às desigualdades e injustiças presentes nessa diferença.

Por outro lado, o jovem vem se transformando, na sociedade contemporânea, no que alguns autores chamaram de modelo sociocultural (Peralva, 1997); em outras palavras, o modelo de socialização das novas gerações pelos adultos, que prevaleceu por muitos anos, entrou em “estado de obsolescência”. Em seu lugar, surgiram novas posturas “no sentido de um aprendizado comum realizado pelos diferentes grupos etários face às injunções de um mundo que lhes aparece como fundamentalmente novo...” (Peralva, 1997, p. 23). Não somente o corpo jovem se torna a referência, mas os estilos de vida, os valores adotados passam a não se referir somente a um grupo etário específico. Assim, o jovem deixou de ser uma criança grande e desajeitada, de pele ruim, para se transformar no modelo de beleza.

Maria Rita Kehl (2004) também mostra que a juventude passou a ser considerada um “sintoma em nossa cultura” e tal fato se deve, sobretudo, às mudanças provocadas pela economia capitalista e pela indústria cultural. Dentre essas mudanças, destaca-se a construção da imagem do adolescente consumidor. Assim, as pesquisas de *marketing* passaram a definir a juventude como uma nova fatia do mercado e passamos a nos organizar a partir dessa lógica mercantil. Nesse sentido, ser jovem virou *slogan*, clichê publicitário e também um imperativo categórico, tornando a juventude um “... poderosíssimo exército de consumidores, livres dos freios morais e religiosos que regulavam a relação do corpo com os prazeres e desligados de qualquer discurso tradicional...” (Kehl, 2004, p. 92). Para ela, na sociedade pautada pela indústria cultural, as identificações se constituem por meio das imagens industrializadas e, nesse caso, a imagem do adolescente consumidor, difundida pela publicidade e pela televisão, oferece-se à identificação de todas as classes sociais. Segundo a autora, em nossa sociedade, passamos de um longuíssimo período de juventude direto para a velhice na medida em que ninguém mais quer ocupar o lugar do adulto. Ao contrário disso, os adultos passaram a se identificar com os ideais jovens e a se sentirem desconfortáveis ante as responsabilidades e posicionamentos exigidos pela vida adulta. Assim, os pais preferem se identificar com filhos jovens e vemos os mesmos irem a bailes *funk* e posicionarem-se do “lado da transgressão” nos conflitos com a escola e com as instituições, constituindo o efeito chamado *teenagização* da cultura, que contribui para o aumento da delinquência juvenil (Kehl, 2004).

Kehl (2004) afirma, ainda, que alguns movimentos, como a participação em grupos *funk*, galeras, gangs, podem ser entendidos como uma busca de reconstruir alguns rituais de passagem alternativos, visto que aqueles que compunham a travessia para o mundo adulto não existem mais na medida em que a “vaga” de adulto em nossa sociedade está desocupada. A autora assegura, também, que o mesmo ocorre com o consumo de drogas leves, como a maconha e o álcool, ou seja, os jovens inventam seus próprios ritos de passagem para sinalizar o ingresso na vida adulta. É interessante observar que tais iniciativas não estão necessariamente vinculadas a um grupo socioeconômico específico. Nesse mesmo sentido, a autora mostra que a cultura da sensualidade adolescente, da busca de prazeres e novas “sensações”, do desfrute do corpo, da liberdade inclui todos os adolescentes. Assim, do “filhinho de papai” ao morador de rua, do jovem subempregado ao estudante universitário, do traficante à “patricinha”, todos se identificam com o ideal publicitário (imagem criada pela indústria cultural), discutido anteriormente, do jovem hedonista, belo, livre e sensual. Para a autora, esse ideal publicitário do jovem favorece o aumento da violência entre os que se sentem incluídos pela via da imagem, mas excluídos das possibilidades de consumo.

Porém, quando tratamos dos jovens de classes menos favorecidas, percebemos que, como muitas vezes tal consumo não pode ser estabelecido, estes buscam outras estratégias para atingir seus “objetivos consumistas”, sobretudo pelo ingresso no tráfico de drogas, o que contribuiu para a criação do chamado *ethos guerreiro* (Zaluar e Leal, 2001). Diante do que foi exposto, podemos concluir que se torna relevante identificar o perfil dos jovens que praticam ações de violência. Passaremos, em seguida, à apresentação do processo de seleção dos jovens investigados.

3 Metodologia: a seleção dos jovens investigados

O estudo foi realizado na cidade de Diamantina, em Minas Gerais, Por se tratar de uma cidade com uma quantidade relativamente pequena de escolas de Ensino Fundamental, 21 no total, foi possível, por meio de discussões tanto com os professores da FAFIDIA (Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina) quanto com os profissionais da Polícia Militar e da Superintendência Regional de Ensino, identificar as escolas com problemas relativos à ocorrência de fatos considerados violentos. Duas escolas foram identificadas – aqui chamadas de escola “A” e escola “B” –, baseando-se nas seguintes evidências: a) número de ocorrências policiais no bairro e na escola; b) tipo de ocorrências; e c) características do clima interno da escola.

No que se refere às características do clima interno de escolas, Soares (2002) aponta que esse problema vem sendo tratado pela literatura internacional e tem como foco a questão da organização do ambiente escolar e esta deve estar presente tanto dentro da sala de aula (Reynolds *apud* Soares, 2002) como nas dependências da escola (Mortimore *apud* Soares, 2002), ou seja, é necessário a existência de uma clima de ordem. O autor afirma ainda que, no caso brasileiro, esse elemento ganha uma importância fundamental quando tratamos da questão da indisciplina, que é um problema recorrente principalmente nas escolas do sistema público brasileiro. Esse item exigiu que fizéssemos algumas visitas às duas escolas para podermos identificar as características do clima escolar nas mesmas por meio de entrevistas não-estruturadas. Assim, considerando esses aspectos, a escola B foi escolhida.

Os sujeitos da pesquisa, jovens de 14 a 18 anos, foram selecionados a partir da indicação de professores, diretor e supervisores da escola, por apresentarem comportamento considerado violento. A indicação dos alunos foi feita em uma reunião em que estava presente a maioria dos professores do turno e houve discussões e discordâncias quanto aos nomes a serem indicados. Depois de completar a lista dos alunos indicados, composta por jovens de ambos os sexos, consultamos o livro de ocorrências da escola para confirmar se os nomes estavam registrados em algum momento no mesmo, possibilitando, assim, checar os dados de determinada forma (Alves-Mazzotti, 1999). Constatamos que somente um dos alunos indicados pelos professores não tinha seu nome citado no livro de ocorrências e os outros apareciam inúmeras vezes por diferentes razões. Em seguida, foi aplicado um questionário aos 43 alunos, o que permitiu identificar dados socioeconômicos e culturais, programas televisivos mais assistidos, tempo de exposição à TV, valores e normas em relação à violência etc., aspectos esses que passaremos a analisar.

4 Resultados e Discussões: analisando o perfil dos jovens

A análise inicial dos dados permitiu traçar um perfil dos alunos e foram considerados os seguintes aspectos: 1) defasagem idade-série; 2) vida religiosa; 3) condições familiares; 4) vida escolar; 5) acesso a bens culturais; e 6) dimensão ética etc.

4.1 Defasagem Idade-Série

Considerando a relação idade/série, os alunos apresentaram o seguinte quadro: somente seis deles estão na série correspondente à sua idade; 15 alunos estão defasados em um ano; dez alunos, com dois anos de defasagem; sete alunos, com três anos; dois, com quatro anos, e três, com cinco anos. A defasagem não se distribui equitativamente entre os gêneros. A grande maioria apresenta defasagem de até cinco anos. Entretanto, em termos de gênero, as meninas estão mais bem “ajustadas” do que os meninos. E, em termos étnicorraciais, os não brancos (pardos e negros) correspondem ao maior nível de defasagem idade/série.

Tais dados corroboram tanto os estudos de gênero e educação, que têm assinalado uma melhor adequação do sexo feminino à educação escolar (Rosemberg, 1991), quanto os estudos sobre relações raciais e educação, que mostram haver uma tendência, ao longo do séc. XX, na qual os não-brancos (pretos, pardos e mestiços) aparecem em desvantagem educacional quando comparados aos brancos (Henriques, 2001; Venturini e Bokany, 2005).

4.2 Vida Religiosa

A experiência religiosa entre os adolescentes é um tema pouco estudado pelas Ciências Sociais. Isso, talvez, se dê pelo fato de que se acreditou, como nos lembra Regina Novaes (2005), que crianças e adolescentes não escolhem credos religiosos, são levados à igreja por seus pais. Nesse sentido, os estudos satisfazem-se apenas com o conhecimento relativo à religião do grupo familiar. Entretanto, esse fenômeno vem mudando, como sugere a autora citada. Hoje, com o aumento de igrejas evangélicas, o jovem vem escolhendo sua religião, muitas vezes à revelia da família. Por isso, decidimos perguntar a nossos adolescentes a que religião pertencem e se frequentam o culto da mesma.

A maioria, 38 alunos, afirmou ter uma religião e somente cinco não frequentam. Há predominância do Catolicismo: 28 afirmaram pertencer a essa religião; enquanto nove dizem pertencer à religião Evangélica e seis não responderam. Entretanto, quando perguntados sobre a frequência com que praticam a religião, boa parte respondeu que frequenta de vez em quando (20 alunos). Mesmo não tendo uma frequência muito constante nos cultos religiosos, impressiona o número de jovens ligados a uma religião, o que mostra que, ainda, para os nossos adolescentes, esses laços fazem parte de suas experiências, embora não seja possível avaliar até que ponto influenciam na conduta

e nas escolhas de valores.

4.3 Dados sobre Condições Familiares

Introduzimos algumas variáveis referentes à situação da família em nosso estudo, primeiro, porque estávamos preocupados em recuperar o núcleo familiar como um dos centros de controle do comportamento, para falar como Norbert Elias (1997). Segundo, porque, pelo levantamento que fizemos inicialmente dos dados socioeconômicos dos alunos da pesquisa, percebemos que eles viviam, em sua grande maioria, em famílias nucleares, formadas por pai, mãe e irmãos, com ocupação fixa e com rendimentos estáveis, com os quais mantinham o grupo como um todo.

Essa configuração se torna importante à medida que grande parte dos estudos que detectam violência ou atos violentos entre adolescentes identifica problemas na organização familiar (falta de algum dos genitores, antecedentes criminais, abandono, violência sexual etc.) (Abramovay, 2002; Araújo, 2001; Ribeiro, 2002).

No nosso caso, a questão a que nos dispusemos a estudar é a seguinte: até que ponto a família de nossos adolescentes poderia estar ajudando a impor limites por meio de formas de controle que orientam a conduta dos mesmos na vida e nas suas relações?

Quanto ao nível de escolaridade dos pais, percebemos nos quadros abaixo que eles possuem uma escolaridade menor que a dos filhos (36 não completaram o Ensino Fundamental); as mães, em alguns casos, possuem uma escolaridade maior, se considerarmos que duas possuem curso superior, mas, semelhante aos pais, 32 não possuem o Ensino Fundamental. A escolaridade dos pais é, sem dúvida, uma das variáveis mais valorizadas, sobretudo pela Sociologia da Educação. Por meio dela, tem-se estudado a herança cultural, as expectativas educacionais e até mesmo o sucesso no desempenho acadêmico. A pouca escolaridade dos pais, no grupo estudado, pode estar ligada a questões de acesso. Supondo que a maioria, dentre eles, possua entre 35 e 45 anos, seu período de escolarização regular nos ensinos Fundamental e Médio se deu em condições muito precárias, pois era escasso na cidade e na região o número de escolas de ensinos Fundamental e Médio. Tal expansão se deu a partir dos anos de 1980, o que explica, em parte, o fato de os adolescentes, na sua maioria, terem mais escolaridade que seus pais.

A análise da escolaridade dos pais poderia ser completada caso tivéssemos conseguido trabalhar melhor os dados relativos à ocupação profissional dos mesmos. Entretanto, tal dado ficou enviesado, pois grande parte dos adolescentes não respondeu ao questionário (16 alunos). Mesmo assim, foi possível perceber, entre os que responderam, que uma boa parte ocupa posições que necessitam de pouca ou nenhuma qualificação, como garimpeiro, que teve nove respostas.

4.4 Acesso a Bens Culturais

Em relação ao acesso aos principais objetos da cultura, podemos dizer que é muito restrito, mas há a predominância da televisão e mesmo em relação a esta cabe considerar a reduzida oferta de canais de televisão abertos (já que todos responderam que não possuem TV a cabo). Além disso, os canais cujos programas são mais assistidos (quase na totalidade rede Globo e SBT) têm uma transmissão precária, visto que a programação não é a mesma ofertada em Minas Gerais, mas, sim, de outros estados:

Lê Revistas	
-------------	--

Quadro 1 – Assistência à TV.

Sim	22
-----	----

Quadro 2 – Leitura de Livros.

Não	21
-----	----

Quadro 3 – Leitura de Revistas.

N/R	0
-----	---

Total	43
-------	----

Assiste à TV		Lê livros	
Sim	41	Sim	25
Não	2	Não	17
N/R	0	N/R	1
Total	43	Total	43

Fonte: Questionário de perfil aplicado aos alunos.

O tipo de música preferida entre os alunos varia muito, mas as mais citadas (os alunos poderiam citar até quatro tipos) foram o *rap*, seguido do *forró* e do *funk*. Isso mostra que o perfil, em relação à música, se aproxima dos jovens em geral³ no que se refere ao gosto pelo *rap* e pelo *funk*, além da menção ao *hip hop*, demonstrando que os jovens diamantinenses estão bem inseridos nesse

espectro da cultura. Quanto à preferência pelo forró, ela se deve ao fato de ser uma dança comum na região do Vale do Jequitinhonha, de onde são provenientes muitas famílias.

Ainda em relação aos programas, a maioria (38 alunos) afirmou assistir a filmes e somente cinco afirmaram que não assistem. Os tipos de filmes mais assistidos, considerando que poderiam ser citados até quatro filmes, são: em primeiro lugar, os filmes de ação (45); em seguida, os de terror (22); os filmes de romance e drama juntos totalizaram 23; os filmes de comédia foram citados dez vezes. Quando perguntados quanto ao tipo de programa a que mais assistem, grande parte respondeu que são as novelas (22 alunos). Os outros tipos de programas mais assistidos foram agrupados nas categorias abaixo, sendo que os alunos poderiam apresentar até cinco programas:

Quadro 4 – Programas de TV mais assistidos.

Programas de TV mais assistidos	
Reality Show	15
Novelas	59
Filmes	17
Auditório	11
Noticiários	14
Esportes	8
Variedades	23
Infanto-Juvenil	25
N/R	43
Total	215

Fonte: Questionário de perfil aplicado aos alunos.

Como podem ser vistos no gráfico, o primeiro lugar entre os mais assistidos; em seguida, temos, respectivamente, programas infanto-juvenis, variedades⁴, filmes, *reality shows*, noticiários, programas de auditório e, por último, programas de esportes.

Quanto à escolha dos programas, a maior parte tem que conciliar os próprios gostos com os de outros membros da família, pois 25 dos alunos afirmaram que assistem à TV com a família toda ou

com seus irmãos. Somente 15 assistem sozinhos e quase todos não possuem TV no quarto (40 alunos), enquanto somente três possuem.

A frequência com que assistem à TV, considerada também como tempo de exposição, ficou muito equilibrada. Praticamente, a metade deles tem uma alta exposição, já que a literatura especializada no assunto (Jennings, 1999) afirma que quatro horas ou mais é considerado um nível alto.

Quadro 5 – Frequência de assistência à TV.

Frequência com que assiste à TV	
	2
Três horas diárias ou menos	1
Quatro horas diárias ou mais	2
	2
N/R	0
	4
Total	3

Fonte: Questionário de perfil aplicado aos alunos.

bre a Escola

O que acha da escola?		Os adolescentes da pesquisa confirmam o que outros estudos já haviam assinalado com insistência, a saber: apesar de toda a crítica que se tem feito à escola pública, é possível detectar uma significativa percentagem de aceitação. A escola é, ainda, algo que faz parte da experiência desses adolescentes. A maioria deles tem uma percepção positiva da escola, já que muitos consideram sua escola boa ou muito boa (29 alunos), 11 consideram ótima a sua escola e somente dois classificam a mesma como ruim. Da mesma forma, a turma foi bem avaliada pelos alunos.
Ruim	2	
Boa	25	
Muito Boa	4	
Ótima	11	
n/r	1	
Total	43	Quadro 6 – Opinião sobre a escola.

Fonte: Questionário de perfil aplicado aos alunos.

Entretanto, tal como já foi assinalado em estudos anteriores sobre a violência escolar em grandes

áreas urbanas (Camacho, 2001; Espírito Santo, 2002; Araújo, 2001), a escola selecionada para este estudo aparece aos olhos dos adolescentes pesquisados como sendo um espaço de conflito. Como mostram os Quadros 7 e 8 a seguir, perguntados sobre a existência da violência na escola, grande parte dos alunos respondeu afirmativamente, e os tipos de violência que segundo eles mais acontecem na escola são as brigas e agressões:

Quadro 7 – Presença de violência na escola.

Quadro 8 – Tipos de violência na escola.

Existe violência?	Tipos de violência	
Sim	26	Brigas 18
Não	16	Agressões 8
N/R	1	Palavrões 1
Total	43	N/R 16
Total		43

Fonte: Questionário de perfil aplicado aos alunos.
 Fonte: Questionário de perfil aplicado aos alunos.

Como não poderíamos deixar de perguntar sobre o que eles pensam em relação ao futuro, acabamos chegando à escola de novo. Esta tem ainda um sentido para os adolescentes. Os planos para a vida profissional e pessoal e as perspectivas para o futuro mostram que os alunos, de modo geral, ainda depositam grande parte de sua expectativa na escola, ou seja, a escola ainda é considerada fator que pode possibilitar mudanças e mobilidade social. Nesse sentido, podemos perceber que o item “Continuar estudando” recebeu um número razoável de votos, 38 no total, considerando também a perspectiva de realizar cursos profissionalizantes. Mas os planos mais votados pelos alunos foram trabalhar e ajudar à família, que foram escolhidos 59 vezes.⁵ Como se pode ver, no quadro abaixo, ainda há uma forte dicotomização entre estudar e trabalhar. O trabalho aparece como forma de adquirir independência, sobretudo independência financeira.

Quadro 9 – Planos profissional e pessoal.

Planos profissional e pessoal para o futuro	
Continuar estudando	26
Fazer curso de aprendizagem profissional	12

Trabalhar	28
Mudar de emprego	5
Deixar de trabalhar	1
Desenvolver atividades artísticas/culturais	9
Participar de grupos e/ou associações	7
Desenvolver trabalhos voluntários	6
Ajudar a família	31
Mudar de escola	4
Deixar de morar com a família	3

Fonte: Questionário de perfil aplicado aos alunos.

que quase nenhum deles pretende mudar de escola

e n estes dados coincidem com a pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, *Retratos da juventude brasileira*, que mostrou também que a maior parte dos jovens tem uma visão positiva da escola e de suas perspectivas futuras (Spósito, 2005). A autora mostra que, apesar das críticas realizadas sobre o papel da escola, ela continua sendo uma referência para as classes menos favorecidas.

4.6 Dimensão Ética

No que se refere às normas e valores em relação à violência e agressão, o objetivo era tentar perceber qual nível é considerado aceitável pelos alunos e sob quais condições são consideradas legítimas as agressões e violências. Assim, quanto ao fato de carregar arma, houve uma pequena diferença entre os que consideram necessário carregar arma (19 alunos) e os que não consideram necessário (22 alunos). E quanto às razões para se carregar uma arma, embora tenhamos um grande número que não respondeu (o que compromete um pouco o dado), destaca-se que uma boa quantidade respondeu que a principal razão é para se defender, ou seja, os alunos têm uma percepção da violência a que estão sujeitos e pensam que carregar uma arma pode ajudá-los.

Quadro 11 – Situações para carregar arma. Quadro 10 – Necessidade de arma.

Situações em que é necessário carregar arma	
Para se proteger	17
Para se sentir forte	3
Para se sentir importante	2
Para resolver disputas	1
N/R	20
Total	43

É necessário a pessoa carregar algum tipo de arma?	
Sim	19
Não	22
N/R	2
Total	43

Fonte: Questionário de perfil aplicado aos alunos.

(1999) sobre atitudes, normas culturais e valores em relação à violência, realizada em dez capitais brasileiras, mostrou também que a autoproteção foi o motivo mais apontado para justificar o porte de armas ou para sua aceitação.

Pudemos perceber que, dentre as situações apresentadas, aquelas que justificam o uso da agressão estão relacionadas à autoproteção. As mais assinaladas são “quando procura proteger a si mesmo” (29 alunos), “proteger suas coisas pessoais” (30 alunos) e “defender sua honra” (27 alunos).

Na pesquisa citada anteriormente (Cardia, 1999), destaca-se que, sobretudo na faixa etária de 16 a 24 anos (que é a faixa etária que mais se aproxima dos sujeitos aqui pesquisados), foi legitimada a justificativa para a agressão no caso de “alguém xingar a mãe”, enquanto que, para os jovens aqui considerados, isso não justifica: a autoproteção, entretanto, aparece em ambos os casos.

Da mesma forma, a comparação mostrou que, nas duas pesquisas, os entrevistados concordam que alguém cometa um assassinato para proteger e defender a própria família. Nas outras situações, não chega a destacar nem mesmo a autoproteção, quando esta implica em matar a outra pessoa.

Outros dados nos mostraram que a agressão verbal tem um alto índice de aceitação: 30 dos 43 alunos aprovam que alguém xingue quando o outro está errado. Mas em relação à aceitação quanto a matar pessoas indesejadas que amedrontam o bairro, ao contrário da pesquisa de Cardia

(1999), os sujeitos aqui rejeitam tal posição. Talvez a explicação se deva ao fato de que, por ser uma cidade pequena, todos se conhecem e muitas dessas pessoas consideradas “não gratas” são parentes próximos.

A título de conclusão, faremos agora algumas considerações e discussões a partir do que foi apresentado.

5 Considerações Finais

Analisar os dados de perfil dos jovens pode nos ajudar a reconstruir um universo de relações sociais que passam por várias mudanças. Ao contrário do que se pode imaginar, os processos de socialização dos jovens combinam várias estratégias: há marcas dos controles tradicionais bem sólidos (família, vizinhança, amizade), mas há, também, uma abertura no sentido das possibilidades identitárias.

Podemos dizer que os indicadores registrados em nosso estudo corroboram o quadro geral da sociedade brasileira. Os adolescentes que participaram de nosso estudo compõem um segmento da população que está no limite da pobreza. São famílias que tentam romper o ciclo da desigualdade, apostando na mobilidade social de suas gerações futuras. A maioria dos adolescentes tem grau de escolaridade maior que seus pais. Poucos trabalham, o que significa que a família protege-os do trabalho infantil e prepara-os para outro patamar. A pouca escolaridade dos pais, talvez, explique por que, num plano para o futuro, a maioria dos adolescentes não coloque a universidade no seu horizonte, mas, sim, o mercado de trabalho.

Apesar de suas especificidades, Diamantina se assemelha, em alguns pontos, à realidade de grandes centros urbanos. Assim, os adolescentes da pesquisa se deparam com crimes, brigas e agressões no seu cotidiano.

Um dos limites de nosso estudo reside no fato de que acabamos centrando o olhar em adolescentes das camadas populares, os quais, do ponto de vista de suas condições socioeconômicas, não têm acesso a produtos mais multiculturais. Mas, mesmo não tendo acesso a

uma diversidade de produtos culturais, a pesquisa mostrou uma escolha variada dos adolescentes que se choca com a cultura oficial da cidade. A terra das serestas e das vespertatas (segundo setores dominantes) não atrai esses adolescentes que se deixam impregnar pela música negro-americana. Mas isso merece um estudo à parte.

Notas

¹ “Moratória” é entendida pela autora não só como adiantamento e suspensão das atividades produtivas para que o jovem possa estudar (situação vivenciada com mais frequência pelos jovens das classes mais favorecidas economicamente), mas incluindo, também, os variados processos de inserção em várias dimensões da vida pessoal, social, cultural, política etc.

² Embora não seja possível uma cronologização precisa, os autores que tratam da temática têm considerado *jovens* os sujeitos que possuem idade que vai dos 15 aos 24 anos, porém aqui preferimos tratar dos chamados *teens*, ou seja, dos adolescentes.

³ Conforme aparece na obra *Retratos da juventude brasileira*, editada pela Fundação Perseu Abramo, em 2005.

⁴ Na categoria infanto-juvenil, foram incluídos programas como Bom Dia e Cia. (SBT), TV Globinho (Rede Globo), Sítio do Pica-pau Amarelo (Rede Globo) Chaves (SBT) e todos os tipos de desenhos citados pelo nome ou não. Quanto à categoria variedades, foram incluídos programas como Vídeo Show (Rede Globo) e *Family Fild* (SBT), por possuírem uma estrutura diversificada em sua organização, apresentando tanto momentos com participação de auditório quanto outros tipos.

⁵ Os alunos poderiam escolher mais de uma opção.

Referências

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. *Violências nas escolas*. Brasília: Unesco, 2002.
- ALVES-MAZZOTTI, A. *O método nas ciências naturais e sociais*. São Paulo: Pioneira, 1999.
- ARAÚJO, C. As marcas da violência na constituição da identidade de jovens da periferia. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 141-160, jan./jun. 2001.
- CAMACHO, L. M. Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 123-140, jan./jun. 2001.
- CARDIA, N. *Pesquisa sobre atitudes, normas culturais e valores em relação à violência em dez capitais brasileiras*. Brasília: Ministério da Justiça, Sec. Est. de Direitos Humanos, 1999.
- COSTA, J. F. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 75-88.
- DEBARBIEUX, E. Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político. In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Org.). *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília: Unesco, 2002. p. 59-92.
- ELIAS, N. *O processo civilizador*. São Paulo: Zahar, 1997.
- ESPIRITO SANTO, S. R. S. *Oposição, diversão e violência na escola: os significados produzidos para práticas culturais de transgressão*. 2002. Dissertação (Mestrado)—Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- HENRIQUES, R. *Desigualdades raciais no Brasil: evolução na década de 90*. Brasília: IPEA, 2001.
- JENNINGS, N. et al. A criança e a violência na mídia nos EUA. In: FEILITZEN, C. V.; CARLSSON, U. *A criança e a violência na mídia*. Introdução. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 1999. p. 61-70.
- KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.
- MARTUCELLI, D. Reflexões sobre a violência na condição moderna. *Tempo Social Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 157-175, maio 1999.
- NOVAES, R. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 263-290.
- PERALVA, A. T. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, n. 5 e n. 6, p. 15-24, jun./jul./ago./set./out./nov./dez. 1997. (Edição especial Juventude e Contemporaneidade)

PORTO, M. S. G. Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 8, p. 152-171, jul./dez. 2002.

RIBEIRO, R. *Droga, juventude e desvio: um estudo exploratório dos significados atribuídos ao uso de drogas e tráfico por jovens de escola pública de Belo Horizonte*. 2002. Dissertação (Mestrado)—Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

ROSEMBERG, F. Segregação espacial na escola paulista. In: LOVELL, P. (Org.). *Desigualdade no Brasil contemporâneo*. Belo Horizonte: UFMG-Cedeplar, 1991. p. 281-294.

SOARES, J. F. A *efetividade da escola pública*. Belo Horizonte: GAME/FaE/ Fundação Ford, 2002.

SPÓSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

_____ (Org.). *Juventude e escolarização (1980-1998)*. Brasília: INEP/MEC, 2002. (Série Estado do Conhecimento n° 7)

VENTURINI, G.; BOKANY, V. Juventude negra. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 351-446.

ZALUAR, A.; LEAL, M. C. Violência extra e intra-muros. *Revista Brasileira de Sociologia*, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 145-164, fev. 2001.

Dados do autor:

*José Arnaldo Fernandes Filho

Doutorando em Educação – UFMG – e Professor – FAFIDIA/Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina.

Endereço para contato:

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação – FAE/UFMG

Programa de Pós-Graduação em Educação

Av. Antônio Carlos, 6627

31270-901 Belo Horizonte/MG – Brasil

Endereço eletrônico: jarnaldoff@gmail.com

Data de recebimento: 16 dez. 2009

Data de aprovação: 6 maio 2010